

Apresentação
A ILUSTRAÇÃO
NO LIVRO INFANTIL E JUVENIL CONTEMPORÂNEO:
APROXIMAÇÕES
ENTRE PRODUÇÃO LITERÁRIA BRASILEIRA E ESTRANGEIRA

A harmonia, o sentido da proporção, a concepção dos contrastes e todos os demais fatores que nos fazem pensar e sentir através da visão são determinados pela cultura e inseparáveis do sentido natural. Ninguém se vê sem essas lentes.

Daniel Goldin (2012, p.156)

A leitura acurada de imagens na sociedade contemporânea tem se mostrado necessária, tendo em vista sua significativa presença em variados contextos e, particularmente, sob a forma de ilustração nos livros de potencial recepção infantil e juvenil. Em âmbito escolar, nem sempre livros com ilustrações dotadas de pregnância e qualidade estética (OLIVEIRA, 2008) integram o repertório dos jovens leitores. A leitura do livro de imagem, do livro ilustrado e do livro com ilustração, tomados como objeto de cultura, suscita um particular discernimento de mundo e posicionamento perante a realidade, e a própria história (LINDEN, 2011; NIKOLAJEVA, SCOTT, 2011; SALISBURY; STYLES, 2013). O conhecimento pelos leitores em formação desses diferentes tipos de livro, que se configuram pela intertextualidade, pelo hibridismo, pela paródia, pelos recursos metaficcionalis e/ou metapictóricos, pela homologia entre poéticas, com referências ao universo das artes plásticas, ao trabalho do designer e ao ofício do ilustrador, segundo Lawrence Sipe (2020), promove uma significativa apreciação estética.

Esses livros auxiliam na formação do leitor crítico, pois ativam sua memória transtextual ao permitirem-lhe compreender a função narrativa da imagem ou o texto verbal e imagético em interação, além de seu suporte. Sua leitura é relevante, pois ressignifica, no diálogo com a cultura, a literatura e as artes plásticas, a magia/fantasia

que lhes é inerente (FISCHER, 2015), ampliando o imaginário do leitor. Além disso, conforme nossa epígrafe, sua leitura fornece “lentes” para descobertas, em especial, identitárias. Justifica-se, então, que neste dossiê, as reflexões recaíam sobre esses livros, pois estabelecem comunicabilidade com o leitor (JAUSS, 1994; ISER, 1996, 1999) e fomentam sua formação estética (ECO, 2003). Por meio dos artigos, resenhas e entrevistas que compõem este dossiê, amplia-se o debate sobre as características e tendências desses livros. Destacam-se entre estas, o diálogo com o universo das artes plásticas, as inovações em projetos gráfico-editoriais e a exploração de temas contemporâneos, que tornam esses livros capazes de deslumbrar e/ou instigar leitores de diferentes idades (HUTCHEON, 1991; FALCONER, 2009; BECKETT, 2009).

No artigo que abre o dossiê, intitulado “Contributos para uma aproximação histórica ao livro-álbum em Portugal: a relação entre os clássicos internacionais e as novidades nacionais”, Ana Margarida Ramos afirma que é recente, no panorama português, o interesse acadêmico pelo livro-álbum. Diante dessa constatação, Ramos observa que, em relação à edição desse tipo de livro, coexistem no mercado tanto produções clássicas, com mais de 50 anos, quanto recentes. Nesse cenário, os autores portugueses, pela quase inexistência de tradição, criam livremente, o que tem resultado em produções inovadoras e de qualidade.

Em “O que nos contam (ou sugerem) as capas: edições de Alice Vieira no Brasil e em Portugal”, Renata Flaiban Zanete e Sara Reis da Silva, em viés comparativo, toma como objeto de reflexão as capas de edições brasileira e portuguesa de três obras dessa escritora portuguesa, bem como seus paratextos. Essa abordagem justifica-se, pois pela leitura comparativa dessas capas, as autoras refletem sobre a diversidade de estilos e aproximações de viés interpretativo que os ilustradores efetuam face ao texto literário. Pelo registro visual, detectam quem é o potencial leitor da obra, concebido pelo ilustrador e pelo editor.

O terceiro artigo, “A colección “El samurái del rey”, de Marcos Calveiro: aventura e historia para o público adolescente”, de Isabel Soto, oferece uma aproximação às principais características que permeiam as obras do escritor galego Marcos Calveiro. Para tanto, apresenta a série “O samurái do Rei”, a qual se divide em quatro volumes – *El camino de Levante*, *La calavera del indio*, *La corte de los prodigios* e *La cofradía de los locos*. Soto justifica sua escolha, pois as narrativas dessa série, contextualizadas no século XVII espanhol, além de serem ilustradas e dialogarem com a história e as artes, apresentam temas atraentes ao jovem leitor.

Em “Literatura e artes plásticas em diálogo na obra *El samurái del rey: el camino de Levante*, de Marcos Calveiro”, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira e João Luís Ceccantini analisam a obra pós-moderna *El samurái del rey: el camino de Levante* (2010), com texto de Marcos Calveiro e ilustrações de Ramón Trigo. Nessa análise, refletem sobre os recursos formais que inserem a obra de Calveiro no gênero de metaficção historiográfica e demonstram suas potencialidades na formação do jovem leitor, pelo despertar de seu olhar para a dialogia entre ilustração e artes plásticas, e entre dados históricos e construção ficcional.

No quinto artigo, “Imagens narrativas: diálogo entre o livro de imagens e as artes visuais”, Edson Rodrigo Possamai, Estella Maria Bortoncello Munhoz e Flávia Brocchetto Ramos refletem sobre o livro de imagens *Leonardo*, de Nelson Cruz. Justificam sua escolha, pois esse livro, pela dialogia que estabelece entre artes visuais e literatura, fomenta a formação do leitor, pois exige interatividade no detectar dos vazios veiculados pela linguagem plástica e na compreensão da polissemia da narrativa. Trata-se de um livro atraente que, pelas imagens, convida o leitor a constituir o enredo e se aproximar da genialidade de Leonardo da Vinci.

Regina Célia Ruiz e Maria Zilda da Cunha, em “Herança de rosas: entre o enigma das letras e a potência da imagem”, realizam uma leitura analítica de *La Bella Durmiente*, de Beatriz Martin Vidal, e *Rosa*, de Odilon Moraes. Justificam sua escolha, pela riqueza imagética dessas obras de potencial recepção infantil e juvenil. A primeira explora arquétipos e questões existenciais que se corporificaram em contos de fadas, a segunda retoma um conto de Guimarães Rosa, ressignificando-o. Ambas se aproximam, pela poeticidade que manifestam em sua realização verbal e imagética, pelas configurações de uma herança literária e pelo recurso a estratégias intertextuais e metaficcionalis, as quais fomentam a formação do leitor estético.

“A cor (en)cena: a experiência narrativa e a liberdade cromática em *Troca-Tintas*, de Gonçalo Viana”, de Luara Teixeira de Almeida e Diana Navas, como seu título indica, destaca a poética das cores na obra ilustrada de Viana. Para tanto, as autoras focalizam a cor como elemento visual em liberdade e como linguagem cativante à criança. Além disso, revelam os recursos metaficcionalis que avultam no texto verbal e imagético de *Troca-Tintas*, explorando seus efeitos de sentido. Justificam as potencialidades da obra na experiência de leitura, pois considera seu leitor como coautor no jogo estético e lúdico oferecido pela narrativa.

O oitavo artigo, de Rosa Cuba Riche, “(N)a rede florida: uma leitura da obra de Graziela Bozano Hetzel”, problematiza questões que atravessam a Pós-modernidade e estão presentes na obra *A rede florida*,

de Hetzel, ilustrada por Anna Cunha. Riche justifica a eleição dessa obra, pois aborda de forma sensível temas fraturantes, como abandono e adoção, fomentando reflexão crítica no leitor em formação. Além disso, sua narrativa, suas ilustrações e seu projeto gráfico, dotados de recursos estilísticos, se entrelaçam na criação de um rico objeto multimodal que proporciona inúmeras possibilidades de sentidos que cativam o jovem leitor à trama.

Em “A ilustração em *A cor da vida*, de Semíramis Paterno: alguns diálogos possíveis”, Aroldo José Abreu Pinto e Luciana Raimunda de Lana Costa refletem sobre esse livro de imagem de Paterno, observando seus recursos e efeitos de sentido. Os estudiosos justificam a escolha dessa obra, pois sua narrativa imagética considera o leitor como copartícipe e seu tema problematiza questões próprias da sociedade contemporânea. Na análise, demonstram, como as cores, os contornos e as formas, que configuram a narrativa, suscitam interatividade na leitura, promovendo o olhar de descoberta, a criticidade e a reflexão.

No décimo artigo, “Materialidade e memória da ditadura civil-militar na narrativa juvenil *Clarice*, de Roger Mello e Felipe Cavalcante”, Camila Pereira de Sousa e Diógenes Buenos Aires de Carvalho analisam o projeto gráfico da obra *Clarice*, de potencial recepção juvenil, escrita por Mello e ilustrada por Cavalcante, considerando o imbricamento entre sua materialidade e seu tema. Justificam a eleição desse livro ilustrado, pelos seus recursos expressivos de viés crítico que fomentam a reflexão, enriquecem a experiência estética e ampliam o horizonte de expectativa do leitor jovem.

Beatriz dos Santos Feres e Regina Michelli, no artigo “Assédio sexual na infância: *O Perna-de-pau*, de Felipe Campos, e *Leila*, de Tino Freitas”, revelam que, tanto na contemporaneidade quanto em obras da tradição da Literatura Infantil, se percebe a exploração de temas fraturantes. Como comprovação, analisam a semiose verbo-visual das obras *O Perna-de-pau*, de Felipe Campos, e *Leila*, de Tino Freitas e Thais Beltrame, considerando o tema do assédio sexual. Nessas obras, observam que a referência indireta a esse tipo de assédio exige inferências em diversos níveis de complexidade, o que permite uma interpretação que se ajusta ao grau de maturidade do leitor. Em “A literatura infantil de Virginia Woolf em diferentes ilustrações: uma investigação sobre *Nurse lugton's curtain*”, Guilherme Magri da Rocha amplia, por meio de seu artigo, os estudos sobre Modernismo literário e literatura para crianças. Para tanto, analisa ilustrações de quatro edições diversas do livro *Nurse Lugton Curtain*, de Virginia Woolf. Por meio dessas análises, discute as relações entre

Modernismo e literatura infantil e discute de que maneira essas edições expandem e se comunicam com o texto de Woolf.

No décimo terceiro artigo, “Imaginação, afeto e proteção: visões da casa em Angela Lago”, Marcus Vinicius Rodrigues Martins identifica as representações verbo-visuais que Lago apresenta sobre a casa em seis livros: *O fio do riso*; *Outra vez*; *Tampinha*; *Indo não sei aonde buscar não sei o que*; *Festa no céu*; *Uni Duni Tê*. Martins observa que essas obras apresentam uma conjunção de elementos narrativos, espaciais e artísticos que circulam a concepção de casa, como um lugar de encontros, poesias e humanização. Desse modo, deduz que as narrativas literárias de Lago metaforizaram, por meio da literatura, o nosso ser no mundo.

Maria Fernanda Silva Dias e Érica Fernandes Alves, em “*O black power de Akin: o texto verbal e visual na construção de um novo discurso sobre a identidade negra*”, refletem sobre a representação de personagens negras nos livros infantis. Afirmam que as ilustrações em uma obra literária tanto podem se revelar estereotipadas, promovendo um discurso preconceituoso, como podem ser dotadas de valor estético, assumindo função libertária. Pela análise da obra *O black power de Akin*, da escritora afro-brasileira Kiusam de Oliveira, com ilustração e projeto gráfico de Rodrigo Andrade, discutem como a representação das personagens e da cultura negra são explicitadas de forma positiva na narrativa, permitindo ao leitor expandir seus modos de leitura.

Em “Sobre memórias e limiares dos livros ilustrados uma análise dos livros *Mexique: o nome do navio*, *Crianças* e *Coisas para deslembrar*”, Marilda Castanha contempla essas três recentes publicações ilustradas, apontando evidências de que privilegiam conceitos, como Memória, Limiar e História. Constata, também, que suas narrativas ultrapassam os limites convencionais de leitura, pois aproximam-se em sua realização de obras fundamentais de pensadores e filósofos.

No décimo sexto artigo, “Entre o espelhamento e o comentário crítico: ilustrações de Alice no Brasil”, Myriam Ávila toma como objeto de estudo edições ilustradas de *Alice in Wonderland* e *Through the looking glass*, de Lewis Carroll, no Brasil. Para tanto, divide essas edições em categorias quanto à configuração de suas ilustrações: as que espelham os padrões estabelecidos por Tenniel ou pelo estúdio Disney; as que conferem protagonismo à Alice; as que operam um questionamento desse protagonismo, por obliteração ou *defacement* da personagem. Conclui que, embora algumas apresentem estereotipização dessa personagem, outras, possuem valor estético.

Elisabete Alfeld, em “*Era uma vez outra vez: brincar com a palavra, com a ilustração e com o leitor*”, discute o poema em sua singularidade e importância na formação da criança. Para tanto, centra

sua análise no processo criativo da poesia infantil, refletindo sobre o tratamento estético da palavra e da ilustração na obra *Era uma vez outra vez*, com texto de Edith Chacon, e ilustrações de Pricilla Ballarin. Pela análise, percebe que sua narrativa convida o leitor a participar das brincadeiras imaginárias com a palavra e a ilustração, contribuindo de forma significativa para sua formação e criatividade.

“O papel das ilustrações na constituição do espaço em obras da literatura infantil”, de Pedro Afonso Barth, reflete sobre as potencialidades da ilustração na construção da espacialidade e dos sentidos em uma narrativa de potencial recepção infantil. Para tanto, analisa as obras: *A viagem*, de Francesca Sanna; *Da minha Janela*, de Otávio Júnior, com ilustrações de Vanina Starkoff, e *Sagatrisuinorana*, de João Luiz Guimarães e Nelson Cruz. Por meio de uma análise entre essas obras, percebe a importância dos conceitos de espaço-refúgio e espaço-incógnita para a compreensão dos sentidos da espacialidade em textos endereçados para crianças e jovens.

Em “Livro-imagem: a construção do humor da bruxinha Zuzu, de Eva Furnari”, Evelin Gomes da Silva, Larissa Gonçalves Souza e Clarice Lottermann investigam as composições visuais e narratológicas utilizadas para a manutenção do caráter jocoso nos livros-imagens *Bruxinha Zuzu* e *Bruxinha Zuzu e gato Miú*, de Eva Furnari. Em suas análises, Silva observa que a autora recorre à anáfora e hipérbole, utilizando-as como estratégia visual. Como resultado, identifica que esses elementos se destacam na narrativa, por meio de riscos na cor preta e breves mudanças comportamentais da bruxinha, fortalecendo, assim, a construção do humor.

O vigésimo artigo, “A leitura de livros ilustrados por crianças cegas: uma construção de caminhos”, de Fábíola Ribeiro Farias, Cleide Aparecida Fernandes e Juliana Cardoso Daher, discute as possibilidades de fruição de livros ilustrados por crianças com deficiência visual. Para tanto, considera-se a natureza dos livros ilustrados e as condições objetivas das crianças com deficiência visual. Aponta-se como caminho para a leitura com crianças privadas de autonomia, o uso da audiodescrição.

“A recepção da literatura ilustrada infantil coreana no Brasil”, de Yun Jung Im, Luis Carlos Girão e Martina Guessi Balieiro, como seu título indica, apresenta um mapeamento de obras coreanas publicadas em território nacional desde a primeira década do século XXI. A partir deste levantamento, evidencia-se que muitas estão em circulação devido ao reconhecimento de seu valor estético, por meio de premiações concedidas pela FNLIJ, e à sua incorporação em acervos resultantes de políticas públicas de leitura. Por meio desses acervos, democratiza-se essa produção literária a alunos do Ensino Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. A qualidade dessa produção tem despertado tanto o interesse do leitor brasileiro, quanto da academia.

O último artigo, ““Dos dois jeitos desse adeus é que a gente

inventa a vida”: representações imagéticas da morte na literatura infantil”, de Valter Henrique de Castro Fritsch, analisa livros ilustrados de potencial recepção infantil, visando compreender como essa produção literária aborda um tema sensível, como a morte. A partir da leitura de *Fiapo de Trapo* (1991), de Ana Maria Machado, com ilustrações de Cris Eich, e *Pode chorar coração, mas fique inteiro* (2021), de Glenn Ringtved, com ilustrações de Charlotte Pardi, analisa-se diálogo entre texto e imagem em sua dimensão simbólica e arquetípica, a partir da perspectiva dos estudos do imaginário.

Ao término dos artigos, encontram-se duas resenhas sobre obras poéticas. A primeira, “Charles Addams: dos quadrinhos para a literatura”, de Fernando Teixeira Luiz, toma como objeto de estudo a adaptação *A Família Addams*, com texto de Alexandra West, ilustrações de Lissy Marlin e tradução de Érico Assis. Essa adaptação em versos da obra de Charles Addams revela em seu construto uma forma particular de expressão. Na segunda, “Os triolés de Cruz e Souza: entre a sátira e a crítica”, Chirley Domingues resenha a obra *Triolé, triolé poemas de Cruz e Sousa vamos ler*, organizada por Eliane Debus e com ilustrações de Anelise Zilbermann. Pela sua análise, deduz que sua leitura provoca o leitor a refletir sobre a escravidão em nosso país e a se engajar na luta que marca obra e vida do maior poeta simbolista de Santa Catarina. Esses recursos tornam a publicação necessária no atual cenário nacional.

Fechando o dossiê, apresentam-se duas entrevistas. A primeira, de Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira e Guilherme Magri da Rocha, apresenta uma entrevista com Jochen Weber – responsável pelo catálogo “White Ravens” –, por meio da qual se busca entender as origens e motivações desta publicação. Na segunda, Sheila Dalio e Fabriano Rodrigo da Silva Santos entrevistam o poeta, crítico, tradutor, performer e professor da UFPR, Guilherme Gontijo Flores, sobre seu livro de estreia na literatura infantojuvenil, *A Mancha*, que angariou o Prêmio Cátedra Unesco, em parceria com o ilustrador Daniel Kondo.

Desejamos uma boa leitura!

Maria del Carmen Franco-Vazquez
Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira
João Luís Ceccantini

REFERÊNCIAS

BECKETT, S. *Crossover Fiction: global and historical perspectives*. New York/London: Routledge, 2009.

ECO, Umberto. *Sobre literatura*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FALCONER, Rachel. *The crossover novel: contemporary children's fiction and its readership*. New York: Routledge, 2009.

FISCHER, Ernest. *A necessidade da arte*. 9.ed. Guanabara, RJ: Koogan, 2002.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996 (volume 1).

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999 (volume 2).

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LECHNER, J. V. Picture Books as Portable Art Galleries. *Art Education*. Março 1993. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/loi/uare20>>. Acesso em: 9 maio 2020.

LINDEN, S. Van der. *Para ler o livro ilustrado*. Trad. Dorothee de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NIKOLAJEVA, M.; SCOTT, C. *Livro Ilustrado: palavras e imagens*. São Paulo, Cosac Naify, 2011.

OLIVEIRA, R. de. Breve histórico da ilustração no livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda de (org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008, p. 13-47.

SALISBURY, M.; STYLES, M. *Livro infantil ilustrado: a arte da narrativa visual*. São Paulo, Rosari, 2013.

SIPLE, L. Using Picturebooks to Teach Art History. *Studies in Art Education*. 42:3, p.197-213, Dezembro 2005. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/loi/usae20>>. Acesso em: 9 maio 2020.